

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

## A trajetória diacrônica de [[nem]][quando]

Sávio André de Souza Cavalcante, Maria Augusta da Silva Santos

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16014>

Submetido em: 2026-04-30

Postado em: 2026-06-18 (versão 2)  
(AAAA-MM-DD)

Justificativa da versão: Foram realizados ajustes na análise e inserção de link para acesso à planilha de dados.

*Tipo de trabalho: [RELATO DE PESQUISA]*

## A TRAJETÓRIA DIACRÔNICA DE [[NEM]][QUANDO]]

## THE DIACHRONIC TRAJECTORY OF [[NEM]][QUANDO]]

Sávio André de Souza Cavalcante

Universidade Estadual do Ceará – Centro de Humanidades

Fortaleza – Ceará

*E-mail:* [savio.cavalcante@uece.br](mailto:savio.cavalcante@uece.br)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5152-6924>

Maria Augusta da Silva Santos

Universidade Estadual do Ceará – Centro de Humanidades

Fortaleza – Ceará

*E-mail:* [mariaaugusta.silva@aluno.uece.br](mailto:mariaaugusta.silva@aluno.uece.br)

Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-3636-0707>

### RESUMO

Este artigo objetiva analisar a trajetória diacrônica do *chunk* [[nem][quando]] em termos de graus de integração e contextos para a formação de um possível conector complexo. Tomamos como base os pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso (Furtado da Cunha; Bispo; Silva, 2013; Rosário; Oliveira, 2016), que se vale de postulados da Gramática de Construções (Croft, 2001). Os dados são analisados com base em contextos para a mudança linguística (Diewald, 2002, 2006; Diewald, Smirnova, 2012) e nas noções de construcionalização/mudanças construcionais (Traugott; Trousdale, 2021[2013]). As ocorrências, analisadas quali-quantitativamente, advêm do *subcorpus* histórico do *Corpus* do Português (Davies, 2006) e dizem respeito aos casos de [nem] e [quando] adjacentes, utilizados entre os séculos XIII e XX. Os resultados referentes a 65 dados localizados denotam a presença do *chunk* nas sincronias analisadas, com exceção do século XIV. No século XVI, houve maior produtividade *type* do conjunto e maior gradiência contextual. Os dados se distribuíram entre (i) contexto fonte, caracterizado por adição de circunstâncias temporais em contexto de negação; (ii) contexto atípico, em dois graus, com ambiguidade estrutural em um deles e possibilidade de leitura concessiva sem alteração estrutural em outra; (iii) contexto crítico, em cinco graus, com o recrutamento de [nem]<sub>adv</sub>, via analogização, e ambiguidade entre a leitura temporal, concessiva, comparativa ou condicional. Não foram localizados dados de contexto isolado nem de contexto paradigmático, sugerindo a não construcionalização plena de [nem quando]<sub>conec</sub>, pelo valor temporal bastante convencionalizado nos usos de [quando] e aditivo-negativo do [nem]. O estudo demonstra que as mudanças construcionais podem permanecer por longos períodos, especializando-se em contextos que preparam para a construcionalização, que pode ficar restrita devido ao valor enraizado de determinadas construções.

### PALAVRAS-CHAVE

Conector. Nem. Quando. Gramática de Construções Diacrônica. Linguística Funcional Centrada no Uso.

### ABSTRACT

This article aims to analyze the diachronic trajectory of the chunk [[nem][quando]] in terms of degrees of integration and contexts for the formation of a possible complex connector. We base our analysis on the assumptions of Cognitive-Functional Linguistics (Furtado da Cunha; Bispo; Silva, 2013; Rosário; Oliveira, 2016), which draws on assumptions from Construction Grammar (Croft, 2001). The data are analyzed based on contexts for linguistic change (Diewald, 2002, 2006; Diewald, Smirnova, 2012) and in the notions of constructionalization/constructional changes (Traugott; Trousdale, 2021[2013]). The occurrences, analyzed both qualitatively and quantitatively, come from the historical *subcorpus* of the *Corpus* of Portuguese (Davies, 2006) and concern the adjacent cases of [nem] and [quando], used between the 13th and 20th centuries. The results relating to 65 located data points denote the presence of the chunk in the analyzed synchronies, with the exception of the 14th century. In the 16th century, there was greater type productivity in the set and greater contextual gradience. The data were distributed among (i) source context, characterized by the addition of temporal circumstances in a negation context; (ii) atypical context, in two degrees, with structural ambiguity in one of them

and the possibility of concessive reading without structural alteration in the other; (iii) critical context, in five degrees, with the recruitment of [nem]<sub>adv</sub>, via analogization, and ambiguity between temporal, concessive, comparative, or conditional reading. No isolated or paradigmatic context data were found, suggesting that [nem quando]<sub>conec</sub> is not fully constructionalized, due to the rather conventionalized temporal value in the uses of [quando] and the additive-negative of [nem]. The study demonstrates that constructional changes can persist for long periods, specializing in contexts that prepare for constructionalization, which may be restricted due to the ingrained value of certain constructions.

#### KEY-WORDS

Connector. Nor/Neither. When. Diachronic Construction Grammar. Cognitive-Functional Linguistics.

### Introdução

A formação de conectores complexos é interesse dos estudos diacrônicos, uma vez que é por meio de micropassos graduais que a mudança se efetiva, seja do ponto de vista da forma, seja do ponto de vista da função. Cezario, Silva e Santos (2015), por exemplo, analisam a formação de [X que]<sub>conec</sub>, que instancia conectores como [ainda que], [toda vez que], [mesmo que], [sempre que] etc. Os autores argumentam que a construcionalização de [X que]<sub>conec</sub> como construção gramatical deu após diversas mudanças no curso dos séculos. Rosário e Oliveira (2016), analisando dados de [aí está]<sub>conec</sub>, tratam-no como instanciação da construção mais esquemática [Loc V]<sub>conec</sub>. Segundo os autores, os primeiros casos rastreados da microconstrução aludida se dão, pelo menos, a partir do século XV, em que são detectados usos desses elementos em adjacência, embora ainda mais composicionais. Vieira e Sousa (2019) analisam a formação de [que nem]<sub>conec</sub> em Língua Portuguesa como conector comparativo e, exemplificando com dados do Português Arcaico, localizam usos ainda menos integrados desses elementos a partir de construções consecutivas.

Observando dados de língua em uso, na sincronia atual, localizamos casos em que há mais de uma leitura no uso adjacente de construções como [nem] e [quando]:

(01) O América-MG perdeu a segunda partida seguida no Campeonato Brasileiro da Série B. Os mineiros caíram diante do Botafogo-SP por 1 a 0, gol de Marlon Freitas, aos 44 minutos da etapa final. (...) Mais uma vez a falta de força ofensiva prejudicou o resultado americano. **Nem quando** o Botafogo ficou com um jogador a menos, por uma lesão de Felipe Saraiva, após o time paulista ter feito as três substituições, foi aproveitado pelo América-MG. Fonte: <https://www.lance.com.br/america-mineiro/botafogo-vence-america-dia-aniversario-coelho.html>

Em (01), uma notícia narra a perda de uma partida futebolística do time América-MG para o Botafogo-SP. Ao narrar as possíveis causas da situação, o enunciador explica que o resultado foi prejudicado por falta de força ofensiva e lembra que o América poderia ter aproveitado baixas no Botafogo ao longo da partida. Nesse sentido, o uso de [nem quando] nessa ocorrência pode ter mais de uma leitura: (i) em uma leitura, considerando os usos isolados de cada item, o [nem] pode ser analisado como advérbio negativo, focalizando a cláusula temporal que lhe segue, e o [quando] pode ser visto como conector temporal. Em outras

palavras, o time **sequer** aproveitou esse **momento** para virar a partida; (ii) outra leitura pode considerar um viés concessivo de [nem quando]. Ou seja, embora o Botafogo tenha tido uma baixa em relação a seus jogadores, o América não aproveitou a situação.

Considerando esse contexto, objetivamos analisar, neste artigo, o grau de integração entre [nem] e [quando], do ponto de vista diacrônico, na intenção de compreender em que momento da história da língua os usos adjacentes desses elementos começaram a ensinar novas leituras. Para tanto, valemo-nos dos pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso (Furtado da Cunha; Bispo; Silva, 2013; Rosário; Oliveira, 2016), que, a partir de um viés construcionista (Croft, 2001), congrega as bases teóricas para a análise de mudanças construcionais e construcionalização (Traugott; Trousdale, 2021[2013]) e contextos para a mudança (Diewald, 2002, 2006; Diewald; Smirnova, 2012).

Este artigo está dividido da seguinte maneira: na próxima seção, apresentamos a perspectiva teórica que direcionará as análises, a saber, a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), que abriga a perspectiva dos contextos para a mudança linguística (Diewald, 2002, 2006; Diewald; Smirnova, 2012) e o enquadre de construcionalização e mudanças construcionais (Traugott; Trousdale, 2021[2013]). Em seguida, por meio de levantamento bibliográfico, descrevemos os valores de [nem] e [quando] a partir de gramáticas e estudos de referência. Na sequência, delineamos o desenho metodológico da investigação. Em continuidade, apresentamos e discutimos os resultados. O texto se encerra com as considerações finais e as referências.

## **A Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU)**

A Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) (Furtado da Cunha; Bispo; Silva, 2013; Rosário; Oliveira, 2016) é uma perspectiva vinculada ao Funcionalismo norteamericano. No entanto, ao invés das análises baseadas em itens, como no paradigma da gramaticalização, o foco são as construções, em articulação com a Gramática de Construções (Croft, 2001). Na LFCU, gramaticalização e construcionalização são fenômenos complementares, ainda que sejam fenômenos com características próprias (Oliveira, 2023), e a mudança é vista não de modo linear, unidirecional, mas de modo multiarticular e radial.

As construções são associadas em rede e consistem em pareamentos de forma e sentido (Croft, 2001), em que os aspectos da forma são analisados em termos de propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas, enquanto os aspectos do sentido são analisados em termos de propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais. Para Traugott e

Trousdale (2021[2013]), as construções podem ser (i) quanto ao tamanho: atômicas, intermediárias ou complexas; (ii) quanto à especificidade fonológica: substantivas, intermediárias ou esquemáticas; e (iii) quanto ao tipo de conceito: conteudísticas, intermediárias ou procedurais. As dimensões intermediárias enfatizam a gradiência do fenômeno, e, principalmente em relação ao tipo de conceito, acentuam a não distinção rígida entre léxico e gramática, defendida pela teoria. Para além disso, Traugott e Trousdale (2021[2013]) descrevem fatores que consistem em dimensões também gradientes, a partir das quais se analisam as construções: esquematicidade, produtividade e composicionalidade.

Sobre a esquematicidade, as construções, que são entidades cognitivas, podem ser descritas com *slots* categoriais totalmente abertos, como, por exemplo, os esquemas da construção ditransitiva (S OI V OD e S V OI OD) (Furtado da Cunha, 2017). Em nível intermediário, encontram-se os subesquemas, parcialmente preenchidos, e, em nível mais específico, as microconstruções, totalmente especificadas. Os dados reais de uso são instâncias das construções abstratas e são tratados como construtos.

A produtividade se associa à frequência de uso. Por um lado, diz respeito ao número de ocorrências de determinada construção, e, por outro lado, diz respeito ao grau de extensibilidade ou de restrição de construções totalmente ou parcialmente esquemáticas. Acerca da frequência, Bybee (2016[2010]) distingue frequência de tipo (*type frequency*), isto é, o número de expressões vinculadas a um padrão; e frequência de ocorrência (*token frequency*), que diz respeito a quantas vezes um elemento é utilizado.

A composicionalidade tem a ver com a relação, mais ou menos transparente, entre forma e significado. Sobre isso, afirmam Traugott e Trousdale (2021[2013]) que

Se um construto é semanticamente composicional, então, contanto que o falante tenha produzido uma sequência sintaticamente convencional, e o ouvinte entende o significado de cada item individual, o ouvinte será capaz de decodificar o significado do todo. Se o construto não é composicional, não haverá compatibilidade entre o significado de elementos individuais e o significado do todo (Traugott; Trousdale, 2021[2013], p. 53).

A composicionalidade nos ajuda a explicar, por exemplo, como associamos, à expressão [cara de pau], em determinados contextos, não um sentido de um rosto de madeira, mas de cinismo ou atrevimento. Os autores também retomam Bybee (2016[2010]), que distingue composicionalidade de analisabilidade. Esse último fenômeno explica o fato de os usuários fazerem distinção (ou não) das partes componentes de uma construção. Os autores, no entanto, destacam que consideram analisabilidade como subparte da composicionalidade.

À luz dessa perspectiva teórica, os fenômenos linguísticos são motivados por processos cognitivos, os quais, segundo Bybee (2016[2010]), são de domínio geral, uma vez que se aplicam a outras áreas da cognição humana. Entre os processos citados pela autora, interessam-nos o *chunking* e a analogia.

O *chunking* é o processo que está por trás da formação de construções complexas, que explica como “sequências de unidades que são usadas juntas se combinam para formar unidades mais complexas” (Bybee, 2016[2010], p. 26). Quanto maior a interação e frequência de ocorrência entre duas unidades usadas juntas, maior a tendência de que elas sejam interpretadas como uma única unidade, chegando, por exemplo, à fusão formal e/ou semântica.

Já a analogia explica como “enunciados novos são criados com base em enunciados de experiências prévias” (Bybee, 2016[2010], p. 27). Traugott e Trousdale (2021[2013]) tratam esse processo como um mecanismo de mudança, distinguindo o pensamento analógico (motivação para a mudança) e a analogização (mecanismo de mudança).

Uma vez que nosso interesse analítico reside na trajetória de mudança pela qual passou o *chunk* [[nem][quando]] da expressão de adição (negativa) de referentes temporais para a indicação de concessividade, recorremos à proposta de construcionalização e mudanças construcionais (Traugott; Trousdale (2021[2013]) e à taxonomia contextual de Diewald (2002, 2006) e Diewald; Smirnova (2012).

Para Traugott e Trousdale (2021[2013]), a construcionalização ocorre quando é criado, na língua, um novo pareamento forma-significado, que afeta os dois polos da construção, havendo a codificação de novo significado da forma entre os falantes. Esse processo é gradual (ocorre em micropassos), no caso de microconstruções procedurais, e está atrelado a alterações graduais em esquematicidade, produtividade e composicionalidade. Refinando a definição, Traugott (2022) apresenta o processo de construcionalização como o estabelecimento de um novo elo simbólico entre forma e significado.

As microalterações contextuais por que passam as formas seriam o resultado de mudanças construcionais, que afetam apenas a forma ou o significado da construção. As mudanças construcionais pré-construcionalização possibilitam (sem prever) a construcionalização, e as mudanças construcionais pós-construcionalização podem motivar a expansão ou redução dos resultados da mudança (Traugott; Trousdale, 2021[2013]). Essas mudanças podem ser explicadas via neoanálise, isto é, o aparecimento de determinada forma linguística em um novo contexto e/ou uma nova interpretação dada a essa forma. Nesse sentido, tanto o ouvinte pode interpretar de um modo inédito como o falante pode inovar (Traugott; Trousdale, 2021[2013]).

Sobre essa questão, Diewald (2002, 2006) e Diewald; Smirnova (2012) acreditam que a mudança se dá via contextos de uso, em passos cronologicamente ordenados. Por isso, além de um uso “típico”, mais composicional e analisável, as formas podem ser realizadas, cronologicamente, em contextos atípicos, críticos e isolados. Inicialmente, esses contextos foram pensados para explicar a gramaticalização, mas, segundo Traugott e Trousdale (2021[2013]), também se aplicam à construcionalização.

Os contextos atípicos, marcados por implicaturas conversacionais, possibilitam a emergência de significados não diretamente atrelados às formas, mas ao seu entorno e às motivações pragmáticas. Esses contextos também explicam os casos de mudança de forma sem mudança de significado (Diewald, 2002). Os contextos atípicos estabelecem as condições prévias para mudança. O segundo estágio, contexto crítico, prevê a existência de ambiguidades múltiplas, tanto na forma quanto na função, e diz respeito ao curso da mudança. O terceiro estágio, que expressa a finalização da mudança, diz respeito aos contextos isolados, marcados por polissemia e heterossemia. Nesse nível, o novo significado se “isola” do inicial, e, por estar fixado a uma nova leitura, não apresenta as ambiguidades dos estágios anteriores. Em Diewald e Smirnova (2012), as autoras, contemplando a paradigmaticização, incluem outro estágio ao processo, a (re)integração paradigmática, que aponta para um contexto paradigmático. Nesse estágio, o novo item se estabiliza e se associa a membros de um paradigma.

Pensando em um refinamento ainda mais preciso de cada contexto, Oliveira e Rosa (2023, p. 61) consideram, como estágio 1, o que denominam de “contexto fonte”, que diz respeito aos casos mais composicionais e analisáveis, “propiciadores de novas formas e/ou novos conteúdos”. Já Rosa (2024, p. 151) defende a gradualidade intracontextual, por meio de nanopassos de mudança, os quais se referem “a mudanças pormenorizadas referentes à forma ou ao conteúdo de arranjos linguísticos ou microconstruções enquadrados em subfases mais ou menos avançadas em um mesmo contexto mais amplo”.

Nossa hipótese é a de que os contextos típicos são estruturados a partir de [nem]<sub>conec</sub> e [quando]<sub>conec</sub> ou [quando]<sub>adv</sub>, na relação adição-tempo. Em seguida, haveria contextos atípicos, ambíguos, em que o [nem]<sub>conec</sub> passaria a atuar com mais frequência na focalização de orações temporais, expressando não apenas adição negativa, mas outros valores semânticos. Na sequência, no contexto crítico, via analogização, o [nem]<sub>adv</sub> seria recrutado para essa construção, por seu caráter de focalizador oracional. Por fim, haveria a formação de [nem quando]<sub>conec</sub>, no contexto isolado, integrando o paradigma dos conectores concessivos. Essa hipótese é pautada em Said Ali (1964, p. 222), ao afirmar que “o elemento advérbio nada mais é que um vocábulo deslocado de uma oração para outra. Devia modificar a um verbo, mas

afasta-se dêle, emigra da respectiva oração, atraído por uma partícula, à qual se une, resultando desta liga uma conjunção de nova espécie”.

### [Nem] e [Quando]: entre advérbios e conectores

Como esta pesquisa lida, primordialmente, com mecanismos de conexão, recorreremos à proposta de Hopper e Traugott (2003) no que tange à combinação oracional. Para os autores, que pensam para além da distinção entre coordenação e subordinação, o modo como as orações se combinam é uma questão de grau, organizado, principalmente, pelos critérios de dependência e encaixamento. Nesse *cline*, distinguem-se (i) a parataxe, marcada por maior independência; (ii) a hipotaxe, em que há uma cláusula relativamente dependente, mas não encaixada como um constituinte de sua respectiva cláusula nuclear; e (iii) a subordinação, em que a dependência é total, sendo uma cláusula constituinte de outra.

O *chunk* [[nem][quando]] reflete essa gradiência, uma vez que, prototipicamente, em sua função conectora, o [nem] funciona, nos termos de Halliday (2004), no âmbito da expansão por extensão paratática (coordenação aditiva, nos termos tradicionais), enquanto o [quando] funciona no escopo da expansão por realce hipotático (subordinação adverbial temporal, nos termos tradicionais). Como veremos na análise dos dados, esse comportamento sintático-semântico deixa marcas ao longo da história do *chunk*.

O item [nem] é registrado por Houaiss e Villar (2009), como conjunção (aditiva e alternativa) e advérbio, com data de primeiro registro provável de 1041. Para os autores o [nem] deriva do item latino [nec], com significado equivalente a “nem, não, e não, com apócope do -c e prov. influência da nasal inicial” (Houaiss; Villar, 2009, p. 1349). Em Cunha (2010), o [nem] é registrado, etimologicamente, como conjunção equivalente a “e não, não alternativamente” (Cunha, 2010, p. 448), derivado de [nen], [nẽ] etc. e do termo latino [nēc]. Sua diacronia mostra que essa construção é associada, principalmente, à adição e à negação.

Para Said Ali (1964), o [nem] deriva do latim [nec, neque], com significado equivalente a “e não”. Em relação aos usos históricos, o autor menciona:

(...) impressão de alguma qualidade ainda não excedida até o momento atual, (...) dando à oração adjetiva forma positiva, mas aditando-lhe outra com a conjunção *nem* e o verbo em tempo diferente: O mais perfeito amor que ha *nem* pode haver, he o das tres Pessoas Divinas (Vieira, *Serm.* 3, 505) (...).

(...) inserção de *nunca*, *nem*, ou *ninguém* em frases interrogativas, como para antecipar que a resposta só poderá ser negativa: (...) Pode haver tesouro *nem* mais precioso, *nem* mais barato? (Bernardes, *N. Flor.* 1, 209). (...).

As alternativas negativas enunciam-se usualmente por *nem...nem...* Mas antes de nomes ou pronomes cala-se às vêzes o primeiro *nem*, produzindo o segundo *nem* a surpresa de que o termo anterior também se há de tomar em sentido negativo: Peroo um *nem* outro nom recebeo morte nem ferida (Zurara, *D. P.* 550) (...).

Curiosa é a presença de *nem* no seguinte passo, em que não se nega cousa alguma: Peroo estes, *nem* outros muitos que feridas ouverom neste cerco, per graça do Senhor todos cobraram saude (Zurara, *P. P.* 446). (...).

A negativa aqui provém decerto de ter o autor em mente êste pensamento: Peroo estes, *nem* outros muitos nom morreram (...).

Em lugar da conjunção *ou* vem às vezes *nem* para expressar com mais vivacidade a não-existência de alguma cousa em certa época: Os convidados para o banquete da Gloria antes de virem os apóstolos, *nem* os profetas, já estavam convidados (Vieira, *Serm.* 3, 433) (...). (Said Ali, 1964, p. 200-201, itálicos do autor).

Para Neves (2011, 2018), o [nem] pode funcionar como conjunção ou como advérbio. Neste último caso, ocorre entre “segmentos de valor negativo” (Neves, 2011, p. 287). A autora explica que o [nem]<sub>adv</sub> se diferencia do [não] ao exprimir uma negação mais marcada, que coloca o ato de negar em um extremo, por causa de seu significado restritivo. Desse modo, o elemento negado por [nem]<sub>adv</sub> pode ser o mais alto ou mais baixo em uma escala. Neves (2011) acrescenta, ainda, que o [nem]<sub>adv</sub> não nega simplesmente um item lexical, mas um sintagma que faz parte da oração. Também são casos de [nem]<sub>adv</sub> aqueles em que o [nem] vem precedido de [e].

Sobre o [nem]<sub>conj</sub>, Neves (2011) explica que esse item adiciona “segmentos **negativos** ou **privativos**” e tem um “significado básico de ‘e também não’” (Neves, 2011, p. 754, negrito da autora). Esse significado é denso e marcado, incluindo acréscimo, inclusão e privação, o que pode atrair palavras de reforço, como em [nem tampouco] (acrécimo), [nem mesmo] (inclusão) e [nem sequer] (privação/exclusão). A pesquisadora acrescenta que o [nem] pode coordenar sintagmas, orações ou enunciados/frases, adicionando unidades (um elemento é acrescido a outro) ou argumentos (os argumentos seguem uma mesma direção, e o acréscimo do segundo elemento tem uma importância especial ao conjunto) (Neves, 2011, 2018).

Outra manifestação formal do [nem] é o estatuto correlativo, defendido por Neves (2011, 2018), Rodrigues (2014), Oliveira (2024) e Rosário (2024). Para Neves (2011, 2018), trata-se de correlação aditiva negativa. Para Rodrigues (2014), os casos de [nem...nem...] são enquadrados entre os de correlação alternativa/disjuntiva. Para Oliveira (2024), estão entre a correlação disjuntiva e uma construção híbrida, de teor negativo, alternativa-aditiva. Para Rosário (2024), também há casos de [nem...nem...] enquadrados como correlação substitutiva. Segundo Neves (2011, 2018), nos casos de correlação com [nem...nem...] em que o verbo precede o conjunto, o primeiro [nem] não é conjunção.

Marques e Pezatti (2016) questionam o estatuto de conjunção do [nem] entre dois ou mais de dois elementos, “visto que a ligação entre eles é efetuada por justaposição ou por meio da conjunção aditiva e” (Marques; Pezatti, 2016, p. 183). As autoras também questionam a correlação de orações com [nem], por não haver “relação de interdependência entre elas nem criação de expectativa de acréscimo de um segundo elemento” (Marques; Pezatti, 2016, p. 183). Em sua proposta, pautada nas categorias da Gramática Discursivo-Funcional, as autoras defendem o [nem] como um operador que acumula as funções de ênfase, no Nível Interpessoal, e de polaridade negativa, no Nível Representacional.

Quanto aos arranjos complexos de que o [nem] participa, destacamos o [que nem], analisado por Vieira e Sousa (2019). Os autores defendem a formação [que nem] comparativo como um caso de construcionalização gramatical via neoanálise, com redução de composicionalidade a partir de um contexto fonte da estrutura de causa-consequência. A pesquisa mostra que os usos de [que nem]<sub>compar</sub> em contexto isolado começaram no período do português moderno/clássico.

Já o item [quando] é registrado, em Houaiss e Villar (2009), como advérbio e conjunção (temporal, proporcional, condicional e concessiva), com data de primeira menção provável em 1114, derivando do advérbio latino [quando]. Para Cunha (2010), o item é, etimologicamente, advérbio e conjunção, expressando “em que época ou ocasião” e “no tempo em que, ainda que”, registrado como provável primeira menção [quando] no século XIII, [cando] no século XIV, e no latim [quando].

As análises de [quando] mostram que esse elemento pode atuar no encaixamento e na hipotaxe, como demonstra Lima-Hernandes (2004). No encaixamento, o item figura como advérbio interrogativo com aplicação secundária entre as conjunções subordinativas integrantes, como partícula de dúvida ou de interrogação indireta (Said Ali, 1964). No limite entre encaixamento e hipotaxe, o [quando] pode atuar como pronome relativo (Hauy, 2015; Neves, 2018), com função determinativa ou apositiva (Lima-Hernandes, 2004).

O [quando] hipotático é seu valor prototípico, iniciando orações temporais. As Construções Oraçionais Temporais são definidas, por Machado Vieira, Wiedemer e Cavalcante (2024), da seguinte maneira:

Dentre os variados meios de instanciar as construções temporais, na fronteira entre referencialidade e sequencialidade, destacam-se as cláusulas temporais, cuja função em que se especializam com maior frequência é a de indicar a localização temporal de determinado estado-de-coisas, servindo, portanto, precipuamente, à função de moldura temporal (Machado Vieira; Wiedemer; Cavalcante, 2024, p. 39).

Isso significa que o [quando] permite o gerenciamento de referentes nos estados-de-coisas que emoldura e a sequencialidade do desenvolvimento temporal do texto. Nessa relação entre dois eventos, a oração temporal pode expressar simultaneidade, precedência ou subsequência (Neves, 2018) de um evento da oração nuclear em relação ao da oração temporal. Do ponto de vista das relações lógico-semânticas, outros valores para além de tempo podem ser licenciados pelo [quando], já que o conector apresenta um valor mais neutro, podendo expressar causalidade, condicionalidade, concessividade (Neves, 2018) e proporcionalidade (Ferreira, 2008). Essa penúltima leitura, que nos interessa particularmente, é motivada, segundo Said Ali (1964), pelo verbo no modo conjuntivo, e, segundo Neves (2018), pelo aspecto imperfectivo (não acabado), pela combinação presente do indicativo (na nuclear) + futuro do pretérito (na oração temporal) e pela relação de simultaneidade. O valor concessivo é ainda mais intensificado nos casos em que o [quando] se articula com advérbios como [ainda] (com verbo no subjuntivo) (Said Ali, 1964; Neves, 2018). Nos casos em que o [quando] se articula com [mesmo] ou [até], Neves (2018) defende que a oração continua sendo temporal, “recebendo apenas uma marca concessiva” (Neves, 2018, p. 870). Essa análise difere, de certo modo, de Cegalla (1997), que inclui [mesmo quando] e [ainda quando] como conjunções concessivas.

## Metodologia

Nesta seção, apresentamos o desenho metodológico da pesquisa, caracterizado segundo objetivo (exploratória e descritiva), abordagem (quali-quantitativa), procedimentos técnicos de coleta de dados (bibliográfica e documental), recorte temporal (diacrônica) e etapas da pesquisa.

Acerca do objetivo, temos uma pesquisa exploratória e descritiva (Gil, 2002; Paiva, 2019). Segundo Gil (2002), o objetivo exploratório se conjuga ao procedimento bibliográfico. Nessa etapa da pesquisa, o foco foi o aprofundamento do tema e das leituras do acervo teórico e bibliográfico, com vistas, principalmente, a compreender o comportamento formal e funcional de [nem] e de [quando]. Em seguida, na etapa descritiva, coletamos os dados e os organizamos em categorias, controlando aspectos de forma (função sintática e nível de articulação oracional) e de função (semântico-pragmática), guiados pelas características dos contextos propostos por Diewald (2002, 2006) e Diewald; Smirnova (2012). Nessa etapa, o olhar também se voltou para a composicionalidade semântica do *chunk* [[nem][quando]].

Sobre a abordagem (Paiva, 2019), a pesquisa se caracteriza como mista (quantitativa e qualitativa). Ao descrever o método misto na análise da mudança linguística, Lacerda (2016,

p. 89) explica que a abordagem qualitativa pode ser útil para “descrever os contextos de uso em que emergem os construtos na língua”; e a abordagem quantitativa, para “comprovar como os construtos, devido à sua alta frequência, passam a ser reconhecidos na língua como padrões microconstrucionais” e “verificar que, quanto mais produtivo é determinado padrão microconstrucional, maior é a probabilidade de ele servir de exemplar, a partir do mecanismo da analogização”. Na análise qualitativa, observamos os usos do *chunk* em contexto e, na análise quantitativa, foi possível verificar a produtividade da construção.

No que tange aos procedimentos técnicos de coleta de dados, além da pesquisa bibliográfica, já mencionada, desenvolvemos uma pesquisa documental, a qual, segundo Gil (2002, p. 45), “vale-se de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa”. Nesse caso, esses materiais são amostras reais de produção linguística disponíveis no [Corpus do Português](#), no subcorpus [Genre / Historical](#) (Davies, 2006). Essa subdivisão do banco de dados contém em torno de 45 milhões de palavras em cerca de 57 mil textos em português, dos anos de 1200 aos de 1900. Os textos desse último período são divididos em fala, ficção, notícias e acadêmico. Valendo-se desse banco de dados, esta pesquisa é enquadrada, quanto ao recorte temporal, como diacrônica. Para Oliveira e Rosa (2023, p. 57), “a pesquisa diacrônica nos ajuda a explicar os padrões da estrutura linguística, permitindo compreender como surgem e se convencionalizam”.

No campo de busca do *corpus*, na aba *Search* e, em seguida, em *List*, inserimos a forma [nem] [quando], entre colchetes, tendo em vista capturar estruturas alternativas desses dois itens, sempre em adjacência. Ao longo da coleta de dados, realizamos buscas mais aprofundadas, em outras fontes, acerca das ocorrências em que não figurava a data do uso. Ao todo, localizamos 72 ocorrências de [[nem][quando]], distribuídas nos seguintes *types*: NEM QUANDO (65), NË QUANDO (4), NË QUÃDO (2) e NEM QUÃDO (1). Como houve um dado repetido de NEM QUANDO, que foi excluído da análise, restaram 71 dados. Desses 71 dados, havia seis casos do tipo NEM QUANDO...NEM QUANDO, que preferimos separar em categoria à parte. Como o *corpus* contabiliza cada ocorrência isolada de NEM QUANDO, resta uma diferença de seis dados amalgamados no *type* NEM QUANDO...NEM QUANDO. Dessa forma, chegamos a um total de 65 dados para análise. Na aba *chart*, foi possível também mensurar a frequência do *chunk*, em cada período, medida e ajustada por milhão de palavras. Ao longo da coleta de dados, criamos e alimentamos uma tabela no *software* Excel, a fim de organizá-los e permitir o controle das variáveis analisadas. A planilha de dados e o arquivo contendo o detalhamento das colunas (Cavalcante; Santos, 2026) foram publicados no

repositório

Zenodo

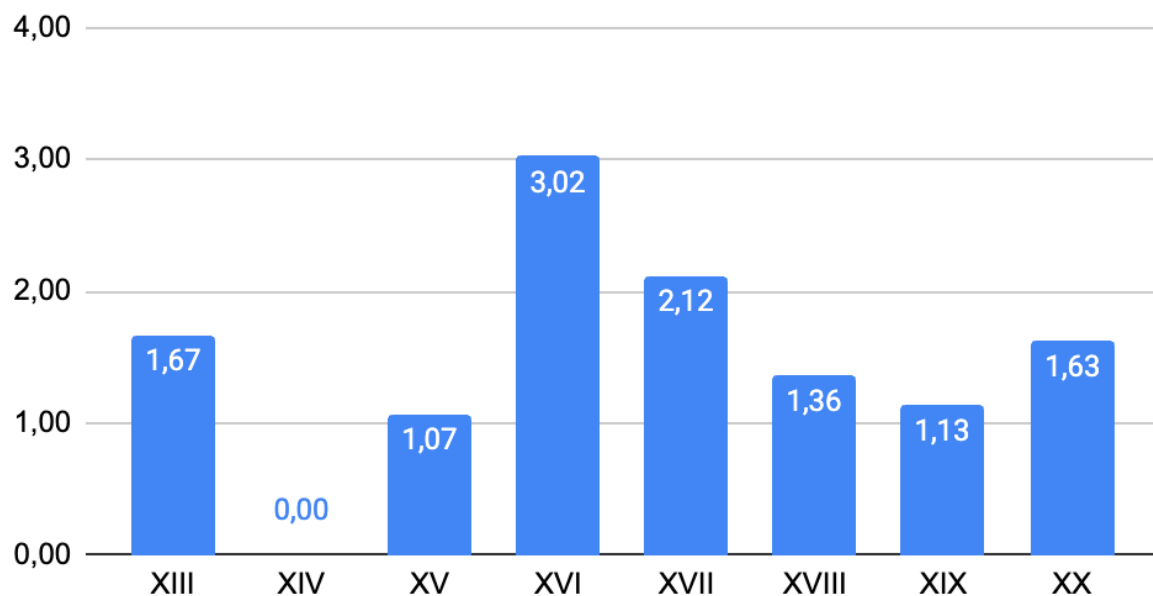
<https://zenodo.org/records/20745911><https://doi.org/10.5281/zenodo.20745911>.

## Resultados e análise

O primeiro resultado a ser apresentado diz respeito à produtividade do *chunk* [[nem][quando]] ao longo dos séculos, medida a partir da frequência ajustada por milhão de palavras, de acordo com o número de ocorrências e número de palavras em cada século, mostrada no gráfico 1. Apresentamos também uma tabela em que se mostram os valores referentes à gradiência contextual em cada século, mapeada a partir dos dados localizados:

Gráfico 1 - Produtividade de [[nem][quando]] entre os séculos XIII e XX (por milhão de palavras)

ALT: Gráfico de barras mostrando a frequência ajustada por milhão de palavras do *chunk* [[nem][quando]] entre os séculos XIII e XX, com pico de produtividade nos séculos XVI e XVII, queda progressiva até o século XIX e leve recuperação no século XX.



Fonte: elaborado pelos autores.

Tabela 1 - gradiência contextual de [[nem][quando]] entre os séculos XIII e XX

Século	Fonte	Atípico grau 1	Atípico grau 2	Crítico grau 1	Crítico grau 2	Crítico grau 3	Crítico grau 4	Crítico grau 5	Total
		aplicação/total no século/percentual							
XIII	1/1/100	-	-	-	-	-	-	-	1
XIV	-	-	-	-	-	-	-	-	-
XV	2/3/66.67	-	-	1/3/33.33	-	-	-	-	3
XVI	4/12/33.33	2/12/16.67	2/12/16.67	2/12/16.67	-	1/12/8.33	-	1/12/8.33	12
XVII	2/7/28.57	-	-	-	1/7/14.29	3/7/42.86	1/7/14.29	-	7
XVIII	-	1/3/33.33	-	-	-	2/3/66.67	-	-	3

<b>XIX</b>	1/10/10	2/10/20	-	1/10/10	-	5/10/50	-	1/10/10	<b>10</b>
<b>XX</b>	7/29/24.14	1/29/3.45	2/29/6.9	3/29/10.34	1/29/3.45	15/29/51.72	-	-	<b>29</b>
<b>Total por contexto</b>	<b>17/65/26.15</b>	<b>10/65/15.38</b>			<b>38/65/58.46</b>				<b>65</b>
<b>Total geral</b>		<b>6/65/9.23</b>	<b>4/65/6.15</b>	<b>7/65/10.77</b>	<b>2/65/3.08</b>	<b>26/65/40</b>	<b>1/65/2</b>	<b>2/65/3</b>	

Fonte: elaborada pelos autores.

O que se pode perceber é que a frequência de [[nem][quando]] apresenta valores muito aproximados nos séculos iniciais (XIII-XV), com exceção do século XIV, em que não foi localizada nenhuma ocorrência. Esse período corresponde, de certo modo, às fases arcaica (fins do século XII e início do século XIII) e clássica (1415-1572) do português (Basso; Gonçalves, 2014). Como esse período aponta para o surgimento do *chunk*, é esperada a baixa produtividade.

A produtividade ajustada por milhão de palavras alcança seu ápice nos séculos XVI e XVII, decai até o século XIX, e, no século XX, sofre um leve aumento. No século XVI, em que há a transição do português clássico (1415-1572) ao moderno (1572-) (Basso; Gonçalves, 2014), o *chunk* se estabiliza e, como vemos na tabela 1, passa a expressar uma maior gradiência contextual, explicando a alta frequência. Como afirma Bybee (2016[2010]), quanto maior a frequência em que dois termos são usados juntos, maior a possibilidade de se unificarem e de seu significado ser menos associado às partes que os compõem. Nesse sentido, a alta frequência demonstrada no século XVI pode explicar a emergência de novos significados e contextos de mudança mais avançados, como o crítico. Já o século XVII marca um aumento considerável (de 8.33% para 42.86%) do contexto crítico de grau 3, marcado pela forte presença de [nem]<sub>adv</sub> no *chunk*. Nesse estágio, o [nem]<sub>adv</sub> focaliza a oração temporal com [quando]<sub>conj</sub>, ensejando marcadamente a leitura concessiva, características que permanecerão com frequência maior ou igual a 50% até o final do recorte da investigação, no século XX. Nos séculos XIX e XX, assim como no século XVI, há bastante variabilidade contextual, embora os dados se fixem no contexto crítico nas sincronias mais recentes.

Passemos, agora, a aplicar a proposta de Diewald (2002, 2006), Oliveira; Rosa (2023) e Rosa (2024) acerca da gradiência contextual nos usos de [[nem][quando]]. Como veremos, são percebidos casos de contexto fonte, atípico e crítico, com seus respectivos graus, demonstrando os micropassos e os nanopassos de mudança. Não localizamos, no entanto, casos de contexto isolado, pelo qual ainda falamos em *chunk* [[nem][quando]], e não em [nem quando]<sub>conec</sub>. Isso ocorre porque, mesmo nos estágios mais avançados, ainda há a leitura de negação e tempo, respectivamente, que o [nem] e o [quando] carregam consigo.

Acerca do contexto fonte, Oliveira e Rosa (2023, p. 61) explicam que “o estágio de origem apresenta importantes fatores suscetíveis a relações metonímicas e metafóricas e, portanto, propiciadores de novas formas e/ou novos conteúdos”. O contexto fonte, que foi o segundo colocado em termos de produtividade (26.15%), aparece em praticamente todas as sincronias, com exceção dos séculos XIV e XVIII, com tendência à diminuição ao longo dos séculos XIII ao XIX. Esse estágio é marcado pelo uso categórico de [nem]<sub>conj</sub> junto a [quando]<sub>adv</sub> e [quando]<sub>conj</sub>. Nesses usos, o [nem]<sub>conj</sub> está adicionando circunstâncias temporais em contexto de negação. Vejamos as ocorrências a seguir:

(02) E poren diz san Bernardo: Certo he que has de morrer, mais nõ he certo como **nẽ quando** nõ hu (Virgeu de consolaçon - século XV).

(03) Em outro dia diso aymãa mayor aa menor: “Eu dormy cõ meu padre esta noyte passada et tu ajnda nõ: mays demoslle abeber outra vez vyno et dormiras tu cõ el esta outra noyte que vem.” Et assyo fezerõ, et dormy asegunda noyte aymãa menor cõ el et outrosi opadre nõ sentio quando se deytou açerca del **nẽ quando** se leuantou, pero fezolle cõmo fezera aaoutra, et asi forõ ambas premidas de seu padre em sennas noytes et de sennas vezes, ca, segundo diz aestoria, despoys daquelas duas vezes nõca mays tornarõ ael sobresta rrazõ (General estoria - 1274).

Em (02), o valor mais composicional de adição negativa e de tempo é bastante evidente, uma vez que o enunciador, abordando as incertezas da morte, nega o desconhecimento acerca do como, do quando e do onde morrerão. Em (03), o recorte da *General estoria* retoma a passagem bíblica de Gênesis 19, em que as filhas de Ló, sobrinho de Abrão, resolvem se deitar com o pai, para deixar descendência. No trecho [et outrosi opadre nõ sentio quando se deytou açerca del **nẽ quando** se leuantou], há duas orações temporais em lista, que informam as circunstâncias em que o pai, embriagado pelas filhas, não percebeu/não sentiu o que estava fazendo. Essas circunstâncias, em contexto negativo, são adicionadas com o uso de [nẽ], expressando uma negação total acerca do sentimento do pai sobre o que tinha feito.

Fato curioso é que a primeira oração temporal tem também leitura concessiva (embora tenha se deitado com a filha menor, o pai não percebeu), por causa de um vínculo causal negado, já que se baseia na “frustração da implicação pressuposta” (Neves, 1999, p. 587) de que, naquele momento, ao se deitar com a filha menor, o pai deveria ter percebido. A segunda oração, iniciada por [[nem][quando]] e formada com o verbo [leuantou], não motiva a mesma leitura nem a mesma pressuposição, mantendo apenas a relação temporal. Nessa linha de raciocínio, acreditamos que esse tipo de pressão contextual pode ter sido um tipo de ponto de partida para a neoanálise de [[nem][quando]], não incidindo ainda diretamente sobre o *chunk*, mas sobre seu entorno. Além disso, esse contexto possibilita, em estágios posteriores, uma leitura em que o [nem]<sub>conj</sub> focaliza a oração temporal, ensejando o recrutamento, via analogia, de [nem]<sub>adv</sub> para o *chunk*.

O contexto atípico, nos termos de Diewald (2002, 2006) e Diewald; Smirnova (2012), marca as pré-condições do processo de mudança e é marcado por implicaturas conversacionais. As formas não refletem apenas o significado de base, mas, devido à pressão contextual, começam a significar, semântica e pragmaticamente, de modo diferente. Outro tipo de contexto atípico é aquele em que há alguma alteração estrutural sem mudança semântica. Quanto aos nossos dados, esse contexto é detectado apenas a partir no século XVI, cronologicamente após a primeira ocorrência de contexto crítico, no século XV. Nesse sentido, os dados parecem apontar para o surgimento de múltiplas ambiguidades (contexto crítico), na forma e na função, mesmo antes das ambiguidades semânticas ou sintáticas isoladas, características do contexto atípico, como preveem Diewald (2002, 2006) e Diewald; Smirnova (2012). Segundo as autoras, o contexto crítico ficaria restrito a um curto período e não existiria cronologicamente antes dos outros.

Considerando uma leitura mais cronológica e linear da taxonomia contextual de Diewald (2002, 2006) e Diewald; Smirnova (2012), é possível que os contextos atípicos tenham surgido no século XIV e que o alcance dos textos do banco de dados não os tenha capturado. Por outro lado, se considerarmos uma leitura não linear do processo, que parece mais compatível com o modelo direcional (e não unidirecional) seguido pela LFCU, podemos dizer que as interrelações entre os contextos são resultado de múltiplos fatores, incluindo, por exemplo, inovações pontuais, em registros específicos, ou o desenvolvimento de contextos marginais, que não incidem diretamente sobre a forma, mas criam as condições para uma neoanálise posterior. Nesse caso, quanto ao [[nem][quando]], é possível que a leitura concessiva, ainda que não localizada diretamente no *chunk* em análise, a que aludimos na análise da ocorrência (03), tenha disparado marginalmente o contexto atípico. É possível também que o único dado de contexto crítico no século XV tenha sido resultado apenas de uma inovação pontual, ainda sutil, a se desenvolver posteriormente.

Isso significa que as mudanças pré-construcionalização não precisam necessariamente seguir um fluxo cronológico linear, mas variável, a depender do fenômeno em análise. Como lembra Oliveira (2023, p. 63-64, 66), “a unidirecionalidade é uma das possibilidades direcionais”, mas não a única, porque o paradigma da construcionalização lida com “mecanismos em ação conjunta”, priorizando um “tratamento mais holístico dos itens linguísticos”.

Em nossos dados, aplica-se o proposto por Rosa (2024), em relação aos graus em cada contexto. As ocorrências de [[nem][quando]] em contexto atípico incluem aquelas em que há a leitura de adição de circunstâncias temporais em contexto de negação, mas há alguma

ambiguidade estrutural, que leva também à reinterpretação de [nem] como advérbio (contexto atípico - grau 1). Esse estágio inclui também os casos em que há, além da leitura aditivo-temporal do contexto fonte, uma leitura concessiva (atípico - grau 2). No contexto atípico, o [quando], que antes podia ser advérbio ou conjunção, fixa-se apenas nessa segunda possibilidade, levando o [nem] a focalizar uma oração, e não um item isolado. Desse modo, fica estabelecido o contexto para a vinculação do [nem] à hipotaxe. Vejamos as ocorrências a seguir, que ilustram esses dois graus do contexto atípico:

(04) Temos finalmente innumeraveis adverbios, que servem (como disse Donato) de explanar e encher a significação das palavras; e he grande a facilidade, com que os formamos dos nomes e dos verbos, e tambem os seus Superlativos. O que he cousa, que naõ se acha em muitas Linguas vulgares; nem tambem a excellencia, com que dizemos Alegre, doce justa, suave, e formosamente; porque os Franceses nem tem adverbio, com que digaõ formosamente, **nem quando** ajuntaõ adverbios da mesma terminaçaõ, deixaõ de a proferir em todos, ainda que isso seja, como sabemos, cousa mui importuna (Antídoto da lingua portuguesa - José de Macedo (assinado por António Melo da Fonseca) - 1721).

(05) Em mentes a calma dura, tem esta fadiga o gado, a menham apasce em verdura, a tarde em seco prado. Dorme a noute sem cuidado; que tudo achou para si. Descanso eu soo o perdi. A mim, **nem quando** o sol sae, nem depois que se vai por, **nem quando** a calma moor cae, nam me leixa minha door (Bernadim Ribeiro - Menina e moça - 1554).

(06) E porque tinha o P.e Cosme de Torres encomendado que fallassem ordinariamente japão, para com o exercicio se hir na lingua fazendo mais expedito, tanto ao pé da letra guardava esta regra, que nem com os Padres e Irmãos novos que vinhão da India, **nem quando** levava algum recado ao capitão-mor ou aos portuguezes que com elle fallavão, lhe havia de responder nem fallar senão em japão (Historia do Japam 2 - Frois - 1560-1580).

No dado (04), o autor tece elogios à língua portuguesa, pela riqueza adverbial que tem, contrastando-a com o francês. Essa ocorrência é formalmente ambígua, uma vez que o escopo de [nem] pode ser a união de duas orações coordenadas (os franceses nem tem advérbio **nem** deixaõ de proferir a terminação em todos), sendo interpretado como [nem]<sub>conj</sub>, ou a focalização da oração hipotática temporal (**nem** quando ajuntaõ adverbios da mesma terminaçaõ, deixaõ de a proferir em todos), sendo neoanalisado como [nem]<sub>adv</sub>. Em (05), em estrutura aparentada à correlação<sup>1</sup>, coocorrem tanto o [nem]<sub>adv</sub> quanto o [nem]<sub>conj</sub>, listando e adicionando momentos em que a dor do enunciador permanece. O dado reflete primordialmente uma leitura primeira temporal, porque não haveria imediatamente uma implicação causal frustrada em “o sol sair” e “a dor deixar”, embora fique, de certo modo, implícito que o passar do tempo, metaforizado pelo nascer e pelo pôr do sol, poderia afastar a dor, validando uma leitura concessiva, muito esmaecida. Os contextos em que há a possibilidade ou coocorrência de leitura adverbial seriam o mote para a fixação desse item à construção.

<sup>1</sup> Preferimos falar de “estrutura aparentada à correlação” porque essa ocorrência, ainda que apresente conectores aos pares (nem quando...nem quando), não se configura como correlação prototípica, já que não atende ao critério de interdependência tal como proposto por Oiticica (1952). Isto é, uma parte não prepara a enunciação da outra.

No dado (06), ilustramos o grau 2 do contexto atípico, em que emerge também uma leitura concessiva ao [nem]<sub>conj</sub>. O trecho retrata o comportamento de um homem que seguia à risca os conselhos do Padre Cosme de Torres, para falar sempre em japonês. O valor concessivo emerge por meio de uma “frustração da implicação pressuposta” (Neves, 1999, p. 587), porque mesmo falando com indianos e portugueses, o homem não abandonava o japonês. Essa leitura concessiva é coexistente com a leitura aditivo-temporal em contexto negativo (o homem não falava senão em japonês nem no momento em que lidava com indianos nem no momento em que lidava com portugueses), motivo pelo qual enquadrados dados como esse no contexto atípico.

Já o contexto crítico, em nossos dados, é bastante saliente, tanto por aparentemente ter se originado antes do atípico (século XV) quanto por sua produtividade (58.46%) e gradiência (5 graus). Para Diewald (2002, 2006) e Diewald; Smirnova (2012), esse contexto representa o desencadeamento da mudança e é marcado por múltiplas ambiguidades, na forma e na função. Esse contexto tenderia a desaparecer no desenvolvimento posterior da mudança. No entanto, é o que demonstra maior frequência, produtividade, persistência e gradiência, já que o [[nem][quando]] ainda não sofreu construcionalização absoluta, não se convencionalizando na rede de falantes como um pleno conector concessivo. Desse modo, pelo fato de estar preparando o caminho para uma provável construcionalização futura, o contexto crítico, principalmente o grau 3, vem se enriquecendo. Como visto na tabela 1, há considerável aumento de frequência entre os séculos XVI e XX. Esse contexto é responsável, predominantemente, pela fixação do [nem]<sub>adv</sub> e da leitura concessiva aos dados, ainda que concomitante àquelas do contexto fonte.

Como vimos afirmando, defendemos que o recrutamento de [nem]<sub>adv</sub> para o *chunk* se dá por conta do mecanismo de analogização. Para Bybee (2016[2010], p. 101), “a maioria das formações analógicas na língua se baseia em semelhança semântica ou fonológica com formas existentes”. Segundo Traugott e Trousdale (2021[2013], p. 83), esse mecanismo “resulta em pareamentos de significado e forma que não existiam antes”. A possibilidade de o [nem]<sub>conj</sub> ser posicionado junto a uma oração temporal ensejaria também uma leitura não apenas aditiva, mas focalizadora desse item. Por esse motivo, após ambiguidades de [nem]<sub>conj...adv</sub>, advindas da leitura de [nem] como operador de ênfase (Marques; Pezatti, 2016), o [nem]<sub>adv</sub> se fixaria firmemente no *chunk*, focalizando a oração temporal e fixando ainda mais o valor de pressuposição/implicação, base da noção de concessão.

O grau 1 do contexto crítico é marcado por uma leitura ambígua entre [nem]<sub>conj</sub> e [nem]<sub>adv</sub> e uma leitura concessiva sobreposta à leitura aditiva negativa:

(07) Usam de arrebique e alvaiade muito bẽ assentado. Sam comunmẽte muito recolhidas, de maneira que por toda ha cidade de Cãtã nam parecia nhũa molher, se nam erã algũas estalajadeiras e molheres baixas. E quãdo saẽ fora nam sam vistas porque vão nas cadeiras fechadas de que temos dito acima quãdo falamos dos officiaes, **nẽ quando** entra alguem nas casas nam as ve, senam se acertã por curiosidade por baixo do pano da porta, querer ver os que entram quãdo he gẽte estrãgeira (Enformação das cousas da China - 1520).

(08) Durante o resto do percurso, Lauro procurou lembrar-se de quantas vezes em sua vida adulta tinha chorado. Não chorara ao ser torturado **nem quando** partira para o exílio **nem quando** voltara do exílio, mas chorara no comício das diretas e na morte de Tancredo, não por Tancredo mas pelo país. (Aguiar, Adonias - Corpo Vivo - 1962).

No dado (07), narram-se os costumes das mulheres chinesas da época. O enunciador diz que as mulheres dificilmente são vistas, porque são muito reservadas. O uso do *chunk* [**nẽ quando**] é ambíguo, porque o [**nẽ**] pode ser lido como conjunção aditiva ou como advérbio focalizador de oração temporal. Por um lado, o uso permite a adição de uma circunstância temporal em que as mulheres não são vistas (quando saem não são vistas, **nem** quando entra alguém nas casas não são vistas), e, por outro, o [**nẽ**] encabeça uma oração temporal com sentido concessivo (mesmo que alguém entre nas casas, não vê as mulheres). Em (08), à semelhança do que ocorre no contexto atípico, mostra-se uma estrutura aparentada à estrutura de correlação com [nem...nem], ainda que não prototípica, por ausência de interdependência entre as partes. Nessa ocorrência, o narrador comenta que o personagem Lauro não chorou ao ser torturado e lista uma série de situações em que essa expressão de emotividade seria esperada: partir para o exílio e voltar do exílio. Nesse dado, coocorrem o [nem]<sub>adv</sub>, na primeira situação; e o [nem]<sub>conj</sub>, na segunda.

O grau 2 é marcado por uso adverbial de [nem], focalizando uma circunstância temporal em contexto negativo, como vemos em (09):

(09) Posso Affirmar com verdade a todos os que isto lerem, que nao escreuo aqui ametade de tudo o que passamos, porque **nem quando** passey estes trabalhos, tinha lembrança, nem commodidade perz. os escreuer, nem depois de passados me soffria a memoria querer que se lhe representassem (...). (Naufrágio - Bento Teyxeyra - 1601).

Na ocorrência (09), o enunciador expõe algumas limitações do seu processo de escrita e, usando o *chunk* em foco, explica que não tinha condições físicas nem psicológicas para escrever, ao longo do período em que passou pelos problemas que vinha relatando.

O contexto crítico de grau 3 é o mais produtivo (40%) de todos e é caracterizado pela presença categórica do valor adverbial de [nem], focalizando circunstância temporal, acrescida de uma leitura concessiva, como em (10). Esse contexto também enseja uma leitura comparativa do conjunto, quando presente o conector [que], como em (11):

(10) Dizem que ele tem um rendimento anual de mais de duzentos contos, o que dá vinte e cinco mil-réis por hora. Ora ele costuma dormir duas horas, e três quando janta feijoada; portanto aí tens, cinqüenta mil-réis, o que não ganharás, meu Ricardo, **nem quando** fores ministro e senador (Sonhos D'ouro - José de Alencar - 1872).

(11) Tanto que me vi em dois pés, como um gamo fui a tomar a porta para fugir, eis que acho dois mancebelhoes que me impediram e remeteram ao doido bem urtigado. A este tempo era nos circunstantes tanba a festa e tao grande o riso *que nem quando* anda um touro no curro e o que mais sentia era ver que a minha Catarina nem chorava (Infortunios trágicos da constante Florinda - Gaspar Pires Ribelo - 1625).

Em (10), a implicação concessiva emerge a partir da pressuposição frustrada de que, sendo ministro e senador, Ricardo ganharia cinquenta mil réis ou mais. O dado, no entanto, não deixa de ter uma leitura temporal, que aponta para uma interpretação de que, sequer no momento em que Ricardo ocupe essa posição política, ganhará tanto. Em (11), em uma leitura comparativa, equipara-se a alegria de participantes de uma festa à de um touro no momento em que pasta por um curral. Nesse sentido, o desenvolvimento de [nem quando] se encontra ao de [que nem], que, segundo Vieira e Sousa (2019), apresentou alta recorrência de contextos atípicos dos fins do século XVI ao XIX.

O grau 4 é marcado por ambiguidade na interpretação de [nem]<sub>conj</sub> ou [nem]<sub>adv</sub> e uma leitura temporal mais esmaecida, em detrimento da condicional e da concessiva:

(12) A da mudança, e variedade das línguas, é também dúvida curiosa. Porque se aqueles primeiros povoadores do Brasil falavam uma língua (porque nem podiam ser muitas, *nem quando* fossem, podiam ser tantas como sabemos têm os índios, que chegam a contar-se mais de cento diversas) como se multiplicou em tantas tao diferentes? Quem foi o autor delas? (Crónica da companhia de Jesus - Simão de Vasconcelos - 1663).

Na ocorrência (12), a interpretação temporal (\*nem no momento em que fossem muitas línguas, não podiam ser tantas como sabemos têm os índios) é apresentada de maneira bastante opaca, emergindo leituras condicional (se fossem muitas línguas, não podiam ser tantas como sabemos têm os índios) e concessiva (ainda que fossem muitas línguas, não podiam ser tantas como sabemos têm os índios). Essas leituras são validadas principalmente pelo *status irrealis* do conjunto.

O contexto crítico de grau 5, que consideramos o estágio mais avançado da integração de [[nem][quando]], é descrito por meio do [nem] advérbio negativo, focalizador de oração e do [quando] conjunção, que oscila entre o valor temporal bastante opaco e inferência concessiva:

(13) Aos brutos que não entendem a vida, de qualquer modo e por qualquer tempo que a recebam, lhe fica em beneficio, mas o homem que *nem quando* a tem mais larga que a de Nestor, nem mais própria que a de Augusto, se dá por satisfeito dela e duvidara muito (dizia o outro) de a aceitar, só pelos tributos sabidos, se primeiro que lha deram, os soubera, justamente, sem dúvida, se queixara do Criador para o obrigar a começar a ser para sentir mais assim a perda da vida provada e não para lograr a começada (Historia da vida do Padre S. Francisco Xavier - Lucena - 1600).

Em nossos dados, não localizamos ocorrências em que o *chunk*  $[[nem][quando]]$  expressasse eminentemente um valor concessivo, que nos levaria a classificá-las como contexto isolado e, conseqüentemente, ilustraria a construcionalização de  $[nem\ quando]_{conec}$ . Esses dados também não foram localizados na pesquisa de Cavalcante (2026), que analisou dados do século XXI. Acreditamos que o  $[nem]$  tem bastante potencial para contribuir com a consolidação da leitura concessiva, por seu valor de negação e, por isso, de frustração de pressuposição de causalidade, propriedades que compartilha com outros conectores concessivos. No entanto, o  $[quando]$  é bastante convencionalizado por sua leitura temporal, ainda que enseje outros valores, como defende Ferreira (2008). Mesmo que bastante esmaecida, a leitura temporal está presente, bloqueando uma leitura concessiva plena do conjunto.

A título de síntese, apresentamos o quadro 1, a seguir, que resume a trajetória diacrônica de  $[[nem][quando]]$ :

Quadro 1 - trajetória diacrônica de  $[[nem][quando]]$  entre os séculos XIII e XX

Contexto	Rastreio inicial Século	Forma	Função
Fonte	XIII	$[[nem]_{conj} [quando]_{conj}]$ $[[nem]_{conj} [quando]_{adv}]$	Adição/listagem de circunstâncias temporais em contexto negativo
Atípico grau 1	XVI	$[[nem]_{conj} [quando]_{adv...conj}]$ $[[nem]_{conj...adv} [quando]_{conj}]$ $[[nem]_{adv} [quando]_{conj}]...$ $[[nem]_{conj} [quando]_{conj}]_{conj\ corr}$	Adição/listagem de circunstâncias temporais em contexto negativo
Atípico grau 2	XVI	$[[nem]_{conj} [quando]_{conj}]$	Adição/listagem de circunstâncias temporais em contexto negativo + concessão em contexto negativo
Crítico grau 1	XV	$[[nem]_{conj...adv} [quando]_{conj}]$ $[[nem]_{adv} [quando]_{conj}]...$ $[[nem]_{conj} [quando]_{conj}]_{conj\ corr}$	Adição/listagem de circunstâncias temporais em contexto negativo + concessão em contexto negativo
Crítico grau 2	XVI	$[[nem]_{adv} [quando]_{conj}]$ $[[nem]_{adv} [quando]_{adv}]$	Focalização de circunstância temporal em contexto negativo
Crítico grau 3	XVI	$[[nem]_{adv} [quando]_{conj}]$ $[[nem]_{adv} [quando]_{adv}]$	Focalização de circunstância temporal + concessão em contexto negativo e Focalização de circunstância temporal em contexto comparativo

Crítico grau 4	XVII	[[nem] <sub>conj...adv</sub> [quando] <sub>conj</sub> ]	Ambiguidade Adição/listagem de circunstâncias concessivas em contexto negativo ou concessão em contexto negativo
Crítico grau 5	XVI	[[nem] <sub>adv</sub> [quando] <sub>conj</sub> ]	Concessão em contexto negativo
Isolado	Não localizado	[nem quando] <sub>conj</sub>	Concessão
Paradigmático	Não localizado	[X] <sub>conec concess</sub>	Integração à rede dos conectores concessivos

Fonte: elaborado pelos autores.

Essa trajetória pode ser resumida da seguinte forma: a partir do século XIII, o *chunk* expressa valores mais composicionais de adição e tempo em contexto negativo, configurando o contexto fonte. No século XV, surge, muito timidamente, o contexto crítico, de grau 1, em que há múltiplas ambiguidades na interpretação do [nem] e da leitura temporal-concessiva do [quando]. No século XVI, estruturam-se os contextos atípicos, em dois graus: um de ambiguidade formal, em que o [nem] pode ser lido como advérbio ou como conjunção ainda com valores de contexto fonte, e outro em que há apenas ambiguidades semânticas, com a emergência do valor concessivo, aliado à leitura temporal, ambos em contexto negativo. Ainda no século XVI, o contexto crítico se estabelece, com forte recrutamento do [nem]<sub>adv</sub> e focalização de circunstância temporal em contexto negativo no grau 2; leitura temporal, concessiva e comparativa no grau 3; ambiguidade na leitura de [nem]<sub>adv</sub> ou [nem]<sub>conj</sub> somada à leitura opaca de tempo e forte de concessão no grau 4; e [nem]<sub>adv</sub> com forte leitura concessiva no grau 5. O contexto isolado, se tivesse sido localizado, seria marcado por interpretação plena de [nem quando]<sub>conec</sub> como conector concessivo. No contexto paradigmático, a construção passaria, de modo esquemático, a integrar a rede dos conectores concessivos.

### Considerações finais

A presente pesquisa debruçou-se sobre a trajetória diacrônica do *chunk* [[nem][quando]] na intenção de rastrear graus de integração e contextos para a formação de um possível conector complexo. Com base na Linguística Funcional Centrada no Uso (Furtado da Cunha; Bispo; Silva, 2013; Rosário; Oliveira, 2016), que adota a perspectiva da Gramática de

Construções (Croft, 2001), analisamos esses usos em termos de contextos para a mudança linguística (Diewald, 2002, 2006; Diewald, Smirnova, 2012) e construcionalização/mudanças construcionais (Traugott; Trousdale, 2021[2013]).

Com dados coletados no *subcorpus* histórico do *Corpus* do Português (Davies, 2006), analisamos quali-quantitativamente ocorrências desses itens em adjacência, do século XIII ao XX. Após a exclusão de um dado repetido, tivemos acesso a 65 dados de [[nem][quando]], em diferentes *types*: NEM QUANDO, NEM QUANDO...NEM QUANDO, NË QUANDO, NË QUÃDO e NEM QUÃDO.

Os resultados referentes aos dados localizados apontam para a presença do *chunk* na grande maioria das sincronias analisadas, com exceção apenas do século XIV. A maior produtividade do conjunto, medida em frequência por milhão de palavras, foi localizada no século XVI, período marcado por acentuada gradiência de contextos para a mudança.

No contexto fonte, localizado na maioria das sincronias, com exceção dos séculos XIV e XVIII, rastreamos usos de [nem]<sub>conj</sub> adicionando circunstâncias temporais em contexto de negação. No contexto atípico, localizado a partir do século XVI, os dados foram distribuídos em dois graus: (i) (grau 1) leitura de adição de circunstâncias temporais em contexto de negação com ambiguidade estrutural e (ii) (grau 2) possibilidade de leitura concessiva, sem alteração estrutural. No contexto crítico, o mais produtivo (58.46%, com 5 graus), há o recrutamento de [nem]<sub>adv</sub>, via analogização, com (i) (grau 1) leitura ambígua de [nem]<sub>conj</sub> e [nem]<sub>adv</sub>, somada à ambiguidade entre leitura aditiva e concessiva; (ii) (grau 2) [nem]<sub>adv</sub>, funcionando como focalizador de circunstância temporal em contexto negativo; (iii) (grau 3) [nem]<sub>adv</sub>, funcionando como focalizador de circunstância temporal em contexto negativo, com leitura concessiva ou comparativa; (iv) (grau 4) ambiguidade entre [nem]<sub>conj</sub> e [nem]<sub>adv</sub>, somada à leitura condicional e concessiva do conjunto; e (v) (grau 5) [nem]<sub>adv</sub>, focalizando a oração temporal, com leitura concessiva do conjunto. Quanto aos contextos isolado e paradigmático, não localizamos dados, o que sugere a não construcionalização plena de [nem quando]<sub>conec</sub>, provavelmente pelo valor temporal ainda persistente do [quando] e aditivo-negativo do [nem].

A análise dos dados permitiu-nos rastrear micropassos de mudança na relação entre dois elementos usados, com certa frequência, de maneira adjacente. Esses micropassos podem ou não resultar em construcionalização no futuro, mas confirmam o *cline* de mudança sugerido pela teoria.

Por outro lado, a existência de contextos críticos cronologicamente anteriores aos atípicos confirma a não existência estrita de unidirecionalidade, como defende a LFCU, e sugere que estágios mais avançados de mudança podem surgir primeiramente em alguns registros e

serem localizadas pontualmente antes de se expandirem para os demais contextos. Essa hipótese pode ser testada em trabalhos futuros. Interessa-nos, também, em pesquisas posteriores, analisar a rede de [[x][quando]], na intenção de analisar quais elementos podem ser recrutados para o primeiro *slot*, qual sua produtividade e qual grau de integração entre esses elementos.

## **DECLARAÇÃO DE CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES**

*Sávio André de Souza Cavalcante: Conceitualização; Curadoria de Dados; Análise Formal; Investigação; Metodologia; Administração do Projeto; Supervisão; Escrita – esboço original.*

*Maria Augusta da Silva Santos: Conceitualização; Curadoria de Dados; Análise Formal; Investigação; Escrita – esboço original.*

## **DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE**

Declaramos não haver conflitos de interesse.

## **DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS DA PESQUISA**

Os dados da pesquisa foram coletados no banco de dados *Corpus* do Português, *subcorpus* Genre/Historical, mediante cadastro prévio. Após a coleta, as ocorrências foram organizadas em planilha do Excel e depositadas em repositório específico.

Nome do repositório: Zenodo

DOI do pacote depositado: [10.5281/zenodo.20745911](https://doi.org/10.5281/zenodo.20745911)

Licença de uso do pacote (ex.: CC BY 4.0): Creative Commons Attribution 4.0 International

URL do Corpus do Português com data de acesso: <https://www.corpusdoportugues.org/hist-gen/>. Acesso em: 18 jun. 2026.

Nota: os dados brutos do *corpus* não são redistribuídos, por serem de terceiros.

## **DECLARAÇÃO DE ÉTICA EM PESQUISA**

Embora o trabalho envolva produções linguísticas reais de seres humanos, esses dados advêm de textos disponibilizados livremente, principalmente em obras literárias e em jornais disponíveis *on-line*. Todas as ocorrências analisadas foram coletadas de um banco de dados aberto: o *Corpus* do Português, *subcorpus* Genre/Historical: <https://www.corpusdoportugues.org/hist-gen/>.

## **DECLARAÇÃO DE USO DE IA**

Os autores declaram que nenhuma ferramenta de IA foi utilizada na criação deste manuscrito nem em qualquer aspecto dos trabalhos realizados cujo resultado está reportado no manuscrito.

## LINK PARA PREPRINT

DOI: <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16014>

## Referências

BASSO, Renato Miguel; GONÇALVES, Rodrigo Tadeu. **História concisa da língua portuguesa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

BYBEE, Joan. **Língua, uso e cognição**. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha e Revisão Técnica de Sebastião Carlos Leite Gonçalves. São Paulo: Cortez, 2016[2010].

CAVALCANTE, Sávio André de Souza. **O chunk [[nem][quando]]: graus de integração**. Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 2026. (Comunicação oral no 14o. Interab - Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística - ABRALIN).

CAVALCANTE, Sávio André de Souza; SANTOS, Maria Augusta da Silva. (2026). Dados [[nem][quando]] [Data set]. Zenodo. <https://doi.org/10.5281/zenodo.20745911>.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 40 ed. São Paulo: Editora Nacional, 1997.

CEZARIO, Maria Maura; SILVA, Thiago dos Santos; SANTOS, Monique. Formação da construção [XQUE]conect no português. **E-escrita**: Revista do curso de Letras da UNIABEU. v. 6, n. 3, p. 229-243, set./dez. 2015. Disponível em: <https://revista.uniabeu.edu.br/index.php/RE/article/view/1995>.

CROFT, W. **Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective**. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 4. ed. revista pela nova ortografia. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

DAVIES, Mark. **Corpus do Português: Genre/Historical**. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/hist-gen/>, 2006.

DIEWALD, G. A model for relevant types of contexts in grammaticalization. *In*: WISCHER, I.; DIEWALD, G.; (eds.). **New reflections on grammaticalization**. Amsterdam: John Benjamins, 2002. p. 103-120.

DIEWALD, G. Context types in grammaticalization as constructions. **Constructions**, v. 1, n. 9, Special, Vol. 1, Constructions all over: case studies and theoretical implications, 2006, p. 1-29.

DIEWALD, G.; SMIRNOVA, E. Paradigmatic integration: the fourth stage in an expanded grammaticalization scenario. *In*: DAVIDSE, K. *et al.* (eds). **Grammaticalization and language change** – new reflections. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2012. p. 111-131.

FERREIRA, Vanessa Pernas. **A conjunção subordinativa *quando* na perspectiva funcional-discursiva**. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras/UFRJ, 2008. 130 p., *mimeo*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. As construções de movimento causado e ditransitiva: elos de polissemia. **D.E.L.T.A.**, v. 33, n. 1, p. 109-132, 2017.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, José Romerito. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. *In*: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (orgs.). **Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ, 2013. p. 13-40.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. **An introduction to functional grammar**. 3. Ed. Revised by Christian M. I. M. Matthiessen. London: Hodder Education, 2004.

HAUY, Amini Boainain. **Gramática da língua portuguesa padrão**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

HOPPER, Paul; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. “Nem”. *In*: HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. p. 1349.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. “Quando”. *In*: HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. p. 1584.

LACERDA, Patrícia Fabiane Amaral da Cunha. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. **Revista Linguística**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, volume especial, p. 83-101, 2016.

LIMA-HERNANDES, Maria Célia. Estágios de gramaticalização da noção de tempo – processos de combinação de orações. **Veredas**, Juiz de Fora, v. 8, n.1 e n. 2, p. 183-194, jan./dez. 2004. Disponível em: <https://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/cap12.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2020.

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos; WIEDEMER, Marcos Luiz; CAVALCANTE, Sávio André de Souza. Sociolinguística e gramática de construções: texto e discurso na perspectiva socioconstrucionista. *In*: PONTES, Valdecy de Oliveira; COAN, Márluce; CAVALCANTE,

Sávio André de Souza; CARVALHO, Hebe Macedo de; ARAÚJO, Aluíza Alves de. (Org.). **Sociolinguística: interfaces e aplicações**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2024. p. 14-54.

MARQUES, Norma Barbosa Novaes; PEZATTI, Erotilde Goretti. O estatuto de *nem* na gramática do português. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 20, n. 38, p. 168-185, 1o sem. 2016.

NEVES, Maria Helena de Moura. As construções concessivas. *In*: NEVES, Maria Helena de Moura. (Org.). **Gramática do Português Falado**. Volume VII: Novos estudos. Campinas: Editora da Unicamp, 1999. p. 545-591.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. 2. ed. São Paulo, SP: Editora Unesp, 2011.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática do português revelada em textos**. São Paulo, SP: Editora Unesp, 2018.

OITICICA, José. **Teoria da correlação**. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1952.

OLIVEIRA, Jovana. Correlação disjuntiva. *In*: ROSÁRIO, Ivo da Costa do. (org.). **Correlação em língua portuguesa**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2024. p. 94-123.

OLIVEIRA, Mariangela Rios de. Gramaticalização e construcionalização na pesquisa funcionalista. *In*: OLIVEIRA, Mariangela Rios de; LOPES, Monclar Guimarães. **Funcionalismo linguístico: interfaces**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2023. p. 51-80.

OLIVEIRA, Mariangela Rios de; ROSA, Flávia Saboya da Luz. Metodologia da pesquisa diacrônica. *In*: ROSÁRIO, Ivo da Costa do. (org.). **Metodologia da pesquisa funcionalista**. Porto Velho, RO: Edufro, 2023. p. 57-76.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. São Paulo: Parábola, 2019.

RODRIGUES, V. V. Em foco a correlação. **Diadorim**, Rio de Janeiro, v. 16, p. 122-139, 2014.

ROSA, F. S. L. A construção marcadora discursiva refreador-argumentativa. *In*: OLIVEIRA, M. R. (org.). **Articulação do espaço no português: uma abordagem cognitivista, funcionalista e construcional**. Campinas: Pontes Editores, 2024. p. 145-178.

ROSÁRIO, Ivo da Costa do. Correlação e correlatores. *In*: ROSÁRIO, Ivo da Costa do. (org.). **Correlação em língua portuguesa**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2024. p. 15-64.

ROSÁRIO, Ivo da Costa do; OLIVEIRA, Mariangela Rios de. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. **Alfa**, São Paulo, v. 60, n. 2, p. 233-259, 2016.

SAID ALI, Manoel. **Gramática Secundária e Gramática Histórica da Língua Portuguesa**. 3. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1964.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. **Discourse Structuring Markers in English**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2022.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Construcionalização e mudanças construcionais**. Tradução de Taísa Peres de Oliveira e Angélica Furtado da Cunha. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021[2013].

VIEIRA, Caio Aguiar; SOUSA, Valéria Viana. A arquitetura construcional do *que nem* na Língua Portuguesa: mudanças construcionais e construcionalização. **SOLETRAS** – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística – PPLIN, n. 37, p. 246-271, jan.-jun. 2019.

## Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.